

EDITORIAL

O presente número especial da Revista Iluminart reúne cinco relatos de experiência e uma entrevista produzidos a partir do Projeto PLA/PBFOL em Rede, iniciativa institucional voltada ao ensino de Português como Língua Adicional (PLA) e de Português Brasileiro para Falantes de Outras Línguas (PBFOL), desenvolvida, no segundo semestre de 2025, no âmbito das políticas de extensão e de internacionalização do Instituto Federal de São Paulo. Ao registrar práticas realizadas por docentes e estudantes de Licenciatura em Letras, este volume procura dar visibilidade não apenas aos resultados pedagógicos do projeto, mas também aos processos de formação, reflexão e construção coletiva que o sustentaram.

A organização deste número parte da compreensão de que experiências extensionistas dessa natureza constituem espaços privilegiados de formação docente. No ensino de português para falantes de outras línguas, os participantes são instados a mobilizar, de maneira articulada, conhecimentos linguísticos, didáticos, tecnológicos e culturais, além de desenvolver uma escuta atenta às trajetórias e às necessidades dos estudantes. Para os licenciandos que atuaram como monitores, esse deslocamento mostrou-se particularmente fecundo: ao entrarem em contato com uma dimensão do ensino de língua distinta daquela tradicionalmente associada ao ensino de língua materna, puderam compreender mais concretamente que ensinar uma língua envolve criar condições de interação, acolhimento e participação social.

Nos Institutos Federais, cuja identidade institucional se vincula ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, projetos como o PLA/PBFOL em Rede adquirem importância ainda maior diante da curricularização da extensão nos cursos de graduação. A Resolução CNE/CES nº 7, de 18 de dezembro de 2018, e, no âmbito do IFSP, a Resolução Normativa IFSP nº 05/2021 estabeleceram a integração das atividades extensionistas aos currículos, atribuindo-lhes carga horária obrigatória. Mais do que atender formalmente a essa determinação, experiências como a aqui registrada demonstram que a extensão pode constituir um espaço efetivo de aprendizagem e produção de conhecimento, no qual a formação acadêmica se articula às demandas linguísticas, culturais e sociais contemporâneas.

Os cinco relatos reunidos neste número abordam dimensões complementares dessa experiência. Em “Aulas de conversação para falantes de outras línguas: percurso de ensino e relato de experiência”, Flavio B. Valadares analisa o percurso de uma turma composta por estudantes de diferentes nacionalidades, concentrando-se nos desafios relacionados à pronúncia, à entonação e aos aspectos pragmáticos da comunicação. Ao articular competência comunicativa, interlíngua e análise contrastiva, o autor evidencia que o desenvolvimento da

oralidade não se reduz à reprodução de um modelo de pronúncia, mas envolve a construção de segurança para a interação e a compreensão dos sentidos culturais mobilizados no uso efetivo da língua.

No relato “Ensino de português como língua adicional: contribuições do material didático e das ferramentas digitais para a aprendizagem”, Debora Mariana Ribeiro examina a integração entre materiais didáticos contextualizados e recursos digitais em uma turma majoritariamente formada por estudantes hispanofalantes. Plataformas de aprendizagem gamificada, aplicativos de comunicação e materiais multimodais são analisados não como recursos autossuficientes, mas como instrumentos cuja eficácia depende de escolhas pedagógicas fundamentadas. O texto destaca, desse modo, o papel da mediação docente na criação de um ambiente colaborativo, no desenvolvimento das habilidades comunicativas e na aproximação dos estudantes à pluralidade cultural brasileira.

A perspectiva da monitoria e de seus efeitos formativos ocupa lugar central nos três relatos seguintes. Em “A importância da abordagem de temas culturais no ensino de Português como Língua Adicional (PLA) para hispânicos: relato de experiência de monitoria voluntária”, Sofia M. Teixeira reflete sobre sua primeira experiência de monitoria e demonstra como a abordagem de temas culturais — entre eles a diversidade linguística, as influências africanas e indígenas, a música, a literatura, os provérbios e as variações do português — favoreceu a participação dos estudantes e a construção de uma comunidade pedagógica. Ao articular língua, cultura, hospitalidade e autonomia, o relato mostra que a formação do professor de PLA exige abertura para a alteridade e reconhecimento das experiências linguísticas e culturais dos aprendizes.

Por sua vez, “A prática docente no ensino de Português do Brasil para Falantes de Outras Línguas (PBFOL): relato de experiência” focaliza a monitoria acadêmica realizada em uma turma de nível básico composta por estudantes da República Dominicana. O texto analisa a preparação e a adaptação de materiais, a mediação das interações em ambiente virtual, o acompanhamento por WhatsApp e a oferta de feedback individualizado. A experiência evidencia que a monitoria ultrapassa a função de apoio técnico: ao assumir responsabilidades de planejamento, mediação e acompanhamento, a licencianda antecipa desafios da regência e participa ativamente da construção de sua identidade docente, ao mesmo tempo que contribui para reduzir o isolamento e favorecer a permanência dos estudantes no curso.

Em “A monitoria em português como língua adicional: contribuições para a formação docente”, Aline B. J. S. de Abreu analisa sua atuação como monitora em uma turma virtual e heterogênea de PLA, tomando a experiência como espaço de articulação entre os estudos da

Licenciatura em Letras e as situações concretas de ensino. Ao refletir sobre as inseguranças dos aprendentes diante da expressão oral, o acompanhamento das interações e a interlocução com a tutora, a autora destaca a mediação pedagógica e a escuta sensível como dimensões centrais do trabalho docente. O relato mostra, assim, que a monitoria não se limita ao apoio operacional: ela favorece aprendizagens profissionais, fortalece a identidade docente e permite compreender a docência como prática ética, reflexiva e socialmente situada.

Lidos em conjunto, os relatos revelam diferentes posições no interior do mesmo processo formativo. A perspectiva do tutor permite observar o desenvolvimento linguístico e comunicativo da turma ao longo do curso; as experiências de tutoria e monitoria evidenciam os processos de planejamento, adaptação, mediação, escuta e avaliação que sustentam as aulas; e as análises sobre materiais, tecnologias e temas culturais mostram que a aprendizagem de uma língua adicional se realiza na articulação entre conhecimento linguístico, interação e pertencimento. Em todos os textos, a extensão aparece como espaço de formação recíproca: aprendem os estudantes inscritos nos cursos, mas aprendem também os professores e licenciandos que planejam, ensinam, escutam e reelaboram suas práticas.

A entrevista com Patrícia Aparecida de Aquino, docente do Centro de Ensino de Línguas da Universidade Estadual de Campinas, amplia e aprofunda as questões suscitadas pelos relatos. Ao reconstruir uma trajetória que atravessa a Fonética, os estudos da fala, a formação de professores, a produção textual e a Análise do Discurso, a entrevistada evidencia o caráter interdisciplinar da atuação em PLA. Suas reflexões destacam as diferenças entre o ensino de língua materna e o ensino de uma língua adicional, defendem a presença dessa área na formação inicial dos cursos de Letras e ressaltam a responsabilidade das universidades públicas na formação de professores e na oferta de ações extensionistas destinadas à integração sociocultural e econômica de migrantes e refugiados. Ao aconselhar os profissionais iniciantes a manterem o olhar e a escuta abertos às diferentes subáreas das Letras e a outros campos do conhecimento, Patrícia Aquino reafirma que as demandas trazidas pelos estudantes raramente cabem em fronteiras disciplinares rígidas.

Foi a partir da percepção desse potencial formativo que se constituiu a proposta deste número especial. Mais do que reunir memórias de experiências pontuais, os textos registram práticas que ajudam a compreender como a extensão pode integrar formação inicial, produção de conhecimento, internacionalização e compromisso social. Esperamos que sua leitura contribua para o debate sobre a curricularização da extensão, para a consolidação do ensino de PLA/PBFOl no âmbito das licenciaturas e, sobretudo, para o reconhecimento da língua como espaço de encontro, acolhimento e participação. Que as experiências aqui compartilhadas

possam estimular outras iniciativas e fortalecer a atuação pública dos Institutos Federais na formação de professores e na construção de respostas educacionais às demandas de uma sociedade linguisticamente plural.